

Recebido em: 15/05/2021

Aprovado em: 27/08/2021

Publicado em: 22/10/2021

ARTICULAÇÕES DA PSICANÁLISE NA TEORIA DO DISCURSO DE ERNESTO LACLAU

ARTICULATIONS OF PSYCHOANALYSIS IN LACLAU'S DISCOURSE THEORY

Francisco de Assis Silva¹
(francisco_economista@hotmail.com)

Resumo: A articulação entre a psicanálise e a filosofia continua possibilitando uma série de análises, sobretudo no âmbito político, capaz de desconstruir e ressignificar constantemente a maneira como atuam os diversos atores sociais. O presente trabalho tem a finalidade de analisar como essa interação ocorre na perspectiva de Ernesto Laclau, destacando o seu conceito de *significante vazio* e a sua compreensão sobre uma democracia radical. Será constatado que, por meio de uma matriz pós-estruturalista, Laclau alinha a sua teoria do discurso com a psicanálise, principalmente a laciana, evidenciando uma ontologia do social caracterizada pela presença da ausência, pela falta que acomete o sujeito e o torna um ser desejante, levando-o a alterar não apenas a sua identidade, mas a estrutura social vigente.

Palavras-chave: Significante Vazio. Hegemonia. Democracia Radical.

Abstract: The articulation between psychoanalysis and philosophy keeps creating a series of analyzes, especially in the political sphere, capable of constantly deconstructing and creating another meaning the way in which the different social actors act. The text aims to analyze how this understanding occurs in the perspective of Ernesto Laclau, highlighting his concept of empty signifier and his understanding of a radical democracy. It will be seen that through a post-structuralist matrix Laclau aligned his theory of discourse with psychoanalysis, especially Lacanian, evidencing an ontology of the social characterized by the presence of absence, by the lack that affects the subject and makes him a desiring being, leading him to change not only his identity, but the current social structure.

Keywords: Empty Signifier. Hegemony. Radical Democracy.

INTRODUÇÃO

A dedicação ao estudo do marxismo fez parte da trajetória intelectual e política de Ernesto Laclau, sobretudo ao ganhar uma bolsa de doutorado, oferecida pelo historiador marxista Eric Hobsbawn, para estudar na Universidade de Oxford. Vivendo na Europa, notou que, assim como na Argentina, seu país de origem e fortemente marcado pelo Peronismo que o

¹ Doutor, Mestre e Graduado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0140282463316127>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2396-8834>.



influenciou profundamente,² ocorria grandes mobilizações políticas na França, na Itália e na Alemanha no ano de 1968. Paralelamente, acontecia nos EUA o movimento contra a Guerra do Vietnã e o surgimento de um movimento negro com novas características.³ Essas experiências alteraram sua maneira de enxergar os acontecimentos a partir da lógica de um partido de classe, tal como o marxismo concebia. Por isso, Laclau começou a perceber a necessidade de analisar o aparecimento das diversas identidades em contextos discursivos distintos.

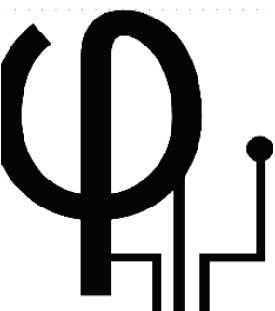
Com o intuito de intensificar os estudos sobre a teoria do discurso, Laclau, que já atuava como professor na Universidade de Essex, criou, em 1982, o *Ideology and Discourse Analysis Research Programme* (Programa de Doutorado em Ideologia e Análise de Discurso), para onde iriam estudantes de várias partes do mundo. Como a demanda pelo programa aumentou e o público se tornou diversificado, Laclau criou o *Centre for Theoretical Studies in the Humanities and Social Sciences* (Centro para Estudos Teóricos em Ciências Humanas e Sociais). Claramente, a ênfase desses eventos estava na noção de discurso que tinha como objetivo ressaltar o caráter puramente histórico e contingente do ser dos objetos (LOPES; MENDONÇA, 2015).

Na teoria discursiva de Laclau está articulada uma série de saberes como o marxismo, a linguística, o estruturalismo e o pós-estruturalismo. Mas outra área desempenha papel primordial nesta construção teórico-discursiva: a psicanálise. Ela se apresenta na teoria de Laclau, sobretudo, em bases lacanianas, articulando conceitos que atualizam a teoria do discurso numa matriz pós-estruturalista, contemplando dimensões ontológicas do social com a finalidade de construir um projeto de democracia radical.

A radicalidade da democracia está representada nas diversas demandas que são reivindicadas pelos atores sociais, marcados por suas identidades e, por vezes, em sociedades cuja democracia está em construção e que têm como inimigo um Estado autoritário. Na perspectiva de Laclau, o enfrentamento dessa situação se baseia na interação entre os atores sociais por meio de formações discursivas que deslocam suas identidades e permitem a constituição de centros de poder que se espraiam pela esfera social.

² Em entrevista, Laclau afirmou: “Minha vida política começou em 1960, ano em que, ainda muito jovem, ingressei no partido socialista argentino que, posteriormente, se dividiu em uma série de facções internas. Acabei pertencendo a uma tendência liderada por Jorge Abelardo Ramos, que, naquele momento, era uma figura importante da esquerda nacional. No *Partido Socialista de la Izquierda Nacional*, passei a formar parte da mesa executiva e, durante vários anos, fui diretor da revista semanal do partido, *Lucha Obrera*. Em 1968, deixei este movimento, devido a uma série de atritos que tive com Ramos. Em 1969, viajei para a Inglaterra” (LOPES; MENDONÇA, 2015, p. 15).

³ *Black Panther Party* (O Partido dos Panteras Negras).



As formações discursivas são responsáveis pela produção de sentido e a sua conexão com a psicanálise aponta para os limites (e além deles) entre as identidades, e como estas articulam o particular e o universal em contextos de discursos hegemônicos. Isso leva à seguinte indagação: de que forma a psicanálise se articula, na teoria do discurso de Laclau, a um projeto de democracia radical?

A fim de tentar responder a essa questão, dividiu-se em dois momentos o presente percurso teórico. No primeiro, será analisado o papel do *significante vazio* na concepção de Laclau e a sua interação com o que ele considera como a falta de plenitude da política. Nesse momento, será observada a apropriação laclauiana da psicanálise na composição da sua teoria do discurso enquanto reveladora de uma ontologia do social que alude a uma presença da falta. Pretende-se observar também de que modo Laclau articula a lógica da equivalência e a lógica da diferença, que pode levar à relação hegemônica e à ocupação, por parte de uma universalidade, da posição do *significante vazio*.

O momento posterior será dedicado à relação entre a democracia radical e o sujeito da política. Para Laclau, o sujeito possui características próprias que são destacadas no instante em que este surge na relação indecidibilidade/decisão. Sua interação com o radicalismo democrático permite notar de que modo o sujeito se articula com outros sujeitos na busca por novas formas de poder que possam garantir que suas demandas sejam atendidas. Estes são os dois momentos da análise sobre a relação entre a psicanálise e a teoria do discurso, concebida por Laclau, que visa apresentar um novo instrumental teórico que atualiza a análise discursiva à matriz pós-estruturalista, em um contexto no qual inúmeras identidades se afirmam enquanto sujeitos políticos.

1 O SIGNIFICANTE VAZIO E A PLENITUDE AUSENTE DA POLÍTICA

Na teoria do discurso de Laclau, faz-se presente a noção de signo linguístico que, por sua vez, representa a junção entre o conceito e a imagem acústica, isto é, a combinação entre o significado e o significante. Essa noção é oriunda da linguística de Ferdinand de Saussure, para quem o significado possuía uma primazia sobre o significante. Posteriormente, Lacan se apropriará dessa noção, mas fará uma inversão dos elementos na representação proposta por Saussure (Significado/Significante). Para Lacan, a supremacia recairá sobre o significante e não mais sobre o significado (Significante/Significado). Dessa forma, contrapondo-se à Saussure, Lacan irá privilegiar a fala ao invés da língua, embora isso não queira dizer que

os significantes estejam restritos ao nível fonêmico. Lacan assim o faz porque compreende o significante como o “fundamento da dimensão do simbólico” (LACAN, 2008, p. 27). Mas o que isso implica para a teoria discursiva de Laclau?

O discurso, para Laclau, não se restringe à fala, mas é uma categoria teórica que se volta às regras de produção de sentido que localizam um fenômeno social, assim como o seu conjunto de discursos articulados. Toda articulação discursiva ocorre por meio de significantes e é por meio deles que o inconsciente se manifesta. Assim, Laclau estende a compreensão do significante para o âmbito político que, por definição, é discursivo, onde ele localiza o que denominou de *significante vazio*.

Antes de se compreender a noção de *significante vazio*, é necessário contextualizar o momento em que o conceito emergiu, segundo a concepção de Laclau. As relações políticas pelas quais a sociedade se organiza são pautadas por diversas demandas, as quais expressam inicialmente pedidos que, uma vez que não sejam atendidos, transformam-se em reivindicações.⁴ A exigência ao atendimento dessas demandas está, por vezes, representada pelos movimentos sociais, a exemplo dos movimentos identitários, que possuem uma pauta de reivindicações que balizam uma determinada identidade. Essa identificação é o que permite diferenciar um movimento de outro, é aquilo que particulariza cada movimento, o que, por seu turno, pode ensejar um fechamento em si mesmo e na ausência de diálogo entre os diversos movimentos. Entretanto, no âmbito político, é possível também que esses movimentos dialoguem entre si. Mas de que forma?

Laclau entende que existem duas lógicas que perpassam as articulações políticas: a lógica da diferença e a lógica da equivalência. A lógica diferencial é aquela que determina uma identidade, que a particulariza, caracterizando assim uma pauta de reivindicações para cada ator social, enquanto a lógica equivalencial é caracterizada pela interconexão entre os vários atores sociais, ainda que sejam preservadas suas diferenças. Segundo Laclau:

Os atores sociais ocupam posições diferenciais nos discursos que constituem o tecido social. Neste sentido, eles são todos, estritamente falando, particularidades. Por outro lado, há antagonismos sociais criando fronteiras internas na sociedade. Frente a forças opressoras, por exemplo, um conjunto de particularidades estabelece relações de equivalência entre si. (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 40).

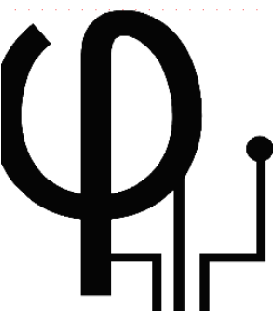
⁴ “A menor unidade da qual partiremos corresponde à categoria de ‘demanda social’. Conforme assinalarei em outra oportunidade, em inglês o conceito de ‘demanda’ (*demand*) é ambíguo: pode significar uma solicitação, mas também pode significar uma exigência, por exemplo ‘exigir uma explicação’. Essa ambiguidade de significado, porém, é útil para nossos propósitos, pois é na transição da solicitação para a exigência que iremos encontrar um dos primeiros traços definidores do populismo” (LACLAU, 2018, p. 123).

Laclau enuncia, portanto, a possibilidade de uma articulação entre os particulares (a exemplo dos movimentos sociais que se comunicam entre si), através dos laços de equivalência, com o objetivo de enfrentar uma força opressora comum. Mas é imprescindível que se forme uma totalidade a partir dos laços equivalenciais que seja capaz de confrontar a força que oprime os atores sociais. Mas o que poderia expressar essa totalidade na concepção de Laclau? Só pode ser uma relação cuja particularidade represente a universalidade dos laços equivalenciais, “é o que chamamos de *relação hegemônica*” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 41).

A partir do conceito de *hegemonia* em Gramsci, Laclau estendeu o seu sentido para toda a relação que expresse a universalidade de uma determinada força social particular que lhe é radicalmente incomensurável. Desse modo, a perspectiva laclauiana se afasta de análises em que a universalidade está encarnada a uma expressão direta, sem mediação, tal como no marxismo cuja classe trabalhadora representa essa universalidade, assim como naquelas em que as particularidades são sobrepostas sem mediação, a exemplo de algumas formas de pós-modernismo (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 37). A relação hegemônica expressa o resultado dos laços equivalenciais quando da elevação de um particular à condição de universal. Neste aspecto, a psicanálise lacaniana ofereceu instrumentos que permitiram a Laclau formular uma teoria da hegemonia. Nas palavras de Laclau:

Assim, a categoria *point de capiton* (*ponto nodal*, em nossa terminologia) ou significante-mestre, implica a noção de um elemento particular assumindo a função estruturadora “universal” dentro de um certo campo discursivo – na verdade, qualquer organização que este campo venha a ter é apenas o resultado daquela função –, sem que a particularidade do elemento *per se* determine tal função. De modo semelhante, a noção de sujeito antes da subjetivação estabelece a centralidade da categoria “identificação” e permite, neste sentido, conceber transições hegemônicas que são inteiramente dependentes de articulações políticas e não de entes constituídos fora do campo político – tais como “interesses de classe”. Na verdade, as articulações político-hegemônicas criam retroativamente os interesses que pretendem representar. (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 38).

Para Lacan, o significante-mestre é o significante unário (S_1), aquele que, junto ao significante binário (S_2), possibilitará que no contexto do recalque seja criado o inconsciente. Os significantes estão articulados de tal modo que permite ao neurótico estabelecer inconscientemente uma cadeia de significantes, na qual o significante-mestre representa o *point de capiton*; sem ele, toda a cadeia de significantes seria desarticulada, tal como ocorre nos psicóticos. Na teoria do discurso de Laclau, a noção de sujeito (em um sentido amplo,



como um ator social caracterizado por sua identidade)⁵ permite que as transições hegemônicas ocorram. Contudo, elas são dependentes das articulações políticas, da mesma forma como os significantes ao longo de sua cadeia dependem do significante-mestre.

O movimento retroativo de criação dos interesses, mencionado por Laclau, a exemplo do interesse de classe, assemelha-se, na psicanálise, à atribuição de sentido dada por S_2 a S_1 .⁶ O que Laclau quer enfatizar é que determinadas demandas sociais surgem como resultado das articulações político-hegemônicas; no entanto, como foram concebidas após as articulações sociais, estão fora do circuito que permitiram a criação daquela relação hegemônica.

A hegemonia, na perspectiva de Laclau, consiste na elevação de uma particularidade à condição de totalidade como resultado da lógica da equivalência. Isso não significa que haja um elemento comum entre as diversas demandas. A hegemonia é estabelecida exatamente naquele ponto excluído da particularidade, isto é, naquilo que lhe falta. Toda demanda social é incompleta, enquanto reivindicação, no sentido de que aquilo que lhe falta ser é aquilo que a move.

A reivindicação que congrega e representa as diversas particularidades – que resultará no *significante vazio* – não é constituída enquanto conceito, mas como catexia, como afeto, emoção. O *significante vazio* é o lugar faltante para o qual a particularidade é elevada à condição de universalidade, à posição de hegemonia. Entretanto, para Laclau, o *significante vazio* não é de fato vazio, mas tendencialmente vazio. O que isso quer dizer? Os significantes vazios tendem ao vazio, e não são vazios, porque aquilo que se hegemoniza, ocupando o lugar de *significante vazio*, será sempre precário e contingente. É precário porque toda a produção de sentido está propensa a sofrer alterações decorrentes da natureza relacional que envolve a constituição de um sistema discursivo; e é contingente porque não há necessidade ou previsibilidade de produção de sentidos predeterminados por uma totalidade discursiva (MENDONÇA, 2014).

A produção discursiva de sentidos na construção de uma relação hegemônica é sempre passível de transformações, dado os fatores catexiais e políticos envolvidos nos discursos. A psicanálise compreende a catexia como o investimento pulsional direcionado a certos objetos, no caso em questão, a determinadas demandas sociais. Os significantes atuam na produção de sentidos, na medida em que representam catexias que demandam pedidos e/ou exigências

⁵ Importante observar que a noção de identidade em Laclau não possui essência, portanto, é desprovida de um *a priori* que lhe constitua, ela aparece dada.

⁶ “Para um neurótico, cada S_2 está vinculado individualmente a um S_1 . O S_1 não é o sujeito nem o é S_2 . Um sujeito é aquilo que um significante representa para outro. O que se supõe que a representação consista aqui? O S_2 representa um sujeito para S_1 porque S_2 atribui, retroativamente, sentido a S_1 , um sentido que este não tinha antes” (FINK, 1998, p. 100).

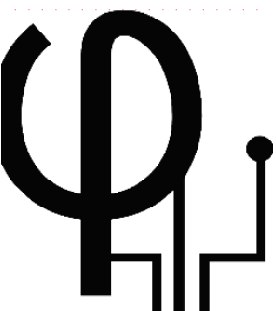
realizadas pelos atores sociais. Ao se hegemonizar uma reivindicação (como, por exemplo, por um plano nacional de desenvolvimento, pela igualdade social, pela cidadania plena, etc.), o que se está fazendo é um investimento pulsional naquele objeto, naquela reivindicação, exatamente por isso não é uma ação estritamente racional, mas, sobretudo, pejada pelo desejo inconsciente captado pelos significantes, representantes psíquicos da pulsão. Logo, se há discurso, há inevitavelmente a presença de significantes.

Todavia, é preciso considerar que, do ponto de vista psicanalítico, um afeto nunca pode estar no inconsciente, apenas a ideia a ele vinculada, representada pelos significantes. Por isso, para Laclau, que tomou este sentido de Lacan, os significantes representam a pulsão, o investimento catexial ou libidinal direcionado aos objetos. Daí a importância dos significantes vazios para a política:

Nesse sentido, várias forças políticas podem competir em seus esforços para apresentar seus objetivos particulares como aqueles que realizam o preenchimento dessa falta. Hegemonizar algo é exatamente cumprir essa função de preenchimento. (Falamos sobre a “ordem”, mas obviamente “unidade”, “libertação”, “revolução” etc. pertencem ao mesmo esquema). Qualquer termo que, em certo contexto político, passa a ser o significante da falta realiza a mesma função. A política é possível porque a impossibilidade constitutiva da sociedade só pode representar a si mesma por meio da produção de significantes vazios. (LACLAU, 2011, p. 76).

Assim, a política se realiza, para Laclau, por sua ausência de plenitude, em outras palavras, por uma presença da ausência, uma presença da falta, que nunca será completamente suprida. E é este aspecto, para ele, que caracteriza a modernidade democrática: “O reconhecimento da natureza constitutiva dessa lacuna e de sua institucionalização política é o ponto de partida da democracia moderna” (LACLAU, 2011, p. 78).

A plenitude ausente da política coaduna com o *significante vazio*, pois a condição para a hegemonia é a presença do *significante vazio*. Essa lacuna representa o marco da democracia na sociedade moderna, porque o caráter faltante da política, que impossibilita a sua plenitude, é o que move a sociedade enquanto expressão do desejo. Esse desejo é captado por aquilo que expressa o *significante vazio*, ou seja, está na ordem do inconsciente. Logo, o ponto de partida da democracia moderna está no reconhecimento da existência do *significante vazio*, deste lugar que nunca será totalmente preenchido, e da sua institucionalização política. Ao raciocinar desta forma, Laclau sugere que, se de um lado há uma busca incessante para elevar uma particularidade à condição de hegemonia para assim ocupar o lugar do *significante vazio*, por outro lado, fica evidente que qualquer noção de essência política que não seja a própria ausência de plenitude da política é inatingível. Por isso, afirma:



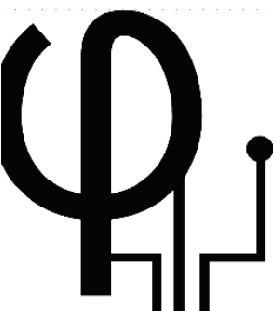
E uma vez que essa totalidade ou universalidade incorporada é, conforme vimos, um objeto impossível, a identidade hegemônica torna-se algo da ordem de um *significante vazio*, sendo que sua própria particularidade encarna uma completude inalcançável. (LACLAU, 2018, p. 120).

Sabe-se que as demandas não atendidas têm o potencial de se tornarem reivindicações. Contudo, aquela exigência que assumirá o lugar do *significante vazio* não ocorre porque foi identificado um elemento em comum entre os atores sociais, selecionado a partir de um consenso, mas é o elemento em comum excluído das demandas sociais. Assim, Laclau afirma:

Um exemplo político: é por meio da demonização de um setor da população que a sociedade se apodera da noção de sua própria coesão. Isso, entretanto, cria um novo problema: *vis-à-vis* o elemento excluído, todas as outras diferenças se equivalem mutuamente. Elas são equivalentes em sua comum rejeição à identidade excluída. Como deveríamos lembrar, esta é uma das possibilidades da formação de um grupo antecipadas por Freud: o traço que possibilita a mútua identificação entre membros do grupo é um ódio comum de algo ou de alguém. A equivalência, porém, é precisamente aquilo que subverte a diferença, e assim toda identidade é construída no bojo da tensão entre a lógica da diferença e lógica da equivalência. (LACLAU, 2018, p. 119).

Esse movimento se torna ainda mais patente ao se observar como os atores sociais reagem contra um governo que rechaça toda e qualquer pauta reivindicatória apresentada por estes atores, especialmente em se tratando de um Estado autoritário. Ao terem suas pautas excluídas por este Estado, os atores sociais são rejeitados enquanto sujeitos de direito, excluídos por causa dos atributos que os identificam, logo, são excluídos em suas próprias identidades. Uma vez que são postos à margem do processo político pelo Estado autoritário, tendem a reagir, ampliando a lógica equivalencial e enfraquecendo a lógica da diferença, visando enfrentar um opositor em comum: o Estado. Laclau denominará esse processo de *antagonismo*, pelo qual se intensifica o laço equivalencial frente a um opositor.

Em uma sociedade na qual haja um Estado autoritário, opressor dos diversos atores sociais, a relação antagônica emerge da necessidade de existência (talvez fosse melhor dizer, sobrevivência) dos contrários, como afirmação da diferença. A existência de um determinado ator social se dá apenas porque existe o seu opositor que quer eliminá-lo; o mesmo raciocínio se aplica a esse dado Estado, que só existe porque existe aquele ator social (ou atores sociais) que precisa ser eliminado para que o Estado possa existir. Por isso, Laclau diz que “la fuerza que me antagoniza *niega* mi identidad en el sentido más estricto del término” (LACLAU, 2000, p. 34). A existência de um depende da existência do outro, mas, paradoxalmente, para



existirem, ambos precisam garantir a eliminação do outro. Laclau identifica no antagonismo a categoria que comporta essa relação paradoxal.⁷

No entanto, a relação antagonica não está restrita a um cenário em que haja um Estado autoritário. A mesma é caracterizada pelo hiato entre as particularidades que identificam determinados campos ou atores sociais que agem em oposição um ao outro. O antagonismo consiste na radicalidade do abismo entre um campo e outro, não podendo ser representado e sendo inapreensível do ponto de vista conceitual.⁸ Laclau procura exemplificar a presença desse hiato ao dizer:

Suponhamos uma explicação histórica que proceda de acordo com a seguinte sequência: (1) no mundo do mercado, o crescimento da demanda por trigo joga seu preço para cima; (2) assim, os produtores de trigo num país “x” têm um incentivo para aumentar a produção; (3) como resultado, eles começam a ocupar novas terras e, para isso, têm de alijar comunidades camponesas tradicionais; (4) assim, não resta aos camponeses alternativa senão resistir a essa expropriação, e assim por diante. (LACLAU, 2000, p. 138).

Para Laclau, as três primeiras sequências fazem parte de um encadeamento objetivo, são decorrentes de um processo produtivo que responde a uma lógica econômica. Mas a incorporação do quarto ponto não pode ser apreendida conceitualmente porque ela “é um apelo ao nosso senso comum ou ao nosso conhecimento da “natureza humana” para adicionarmos à sequência um elo que a explicação objetiva é incapaz de proporcionar. (LACLAU, 2000, p. 138)

Dessa forma, há um hiato entre o conjunto das três primeiras sequências e o quarto ponto. O discurso que incorpora o elo entre as três primeiras sequências e a quarta, por ser em si um discurso, remete a uma produção de sentidos, distinta daquela constituída no âmbito econômico. Laclau compara essa radicalidade abismal, antagonica, irrepresentável pelo conceito, com a expressão proferida por Lacan de que “a relação sexual não existe”. Mas o que significa essa expressão e como apreendê-la à teoria do discurso de Laclau?

⁷ “[...] ao mesmo tempo em que o discurso antagonico nega a existência do outro, ele a constitui; da mesma forma que o antagonismo é a condição de impossibilidade de determinado discurso, ele é a sua própria condição de possibilidade” (MENDONÇA, 2015, p. 76).

⁸ “O antagonismo, longe de ser uma relação objetiva, é uma relação na qual se *mostram* os limites de toda objetividade – no sentido em que Wittgenstein costumava dizer que o que não pode ser *dito* pode ser *mostrado*. Mas se, como demonstramos, o social só existe como esforço parcial de construção da sociedade – ou seja, um sistema de diferenças objetivo e fechado –, o antagonismo, como testemunha da impossibilidade de uma sutura final, é a ‘experiência’ do limite do social. Rigorosamente falando, os antagonismos não são *internos*, mas *externos* à sociedade; ou melhor, eles constituem os limites da sociedade, a impossibilidade última desta última se constituir plenamente” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 202).

Com essa assertiva, Lacan não está negando que as pessoas mantenham relações sexuais, mas que não há uma “fórmula única de sexualismo” (LACLAU, 2000, p. 138). A relação sexual não existe porque cada pessoa ao se relacionar sexualmente com outra estará realizando a sua própria subjetividade (enquanto expressão do desejo sexual) no outro; e tanto o homem quanto a mulher irão assumir sexualmente o outro em lugares subjetivos distintos (LACAN, 2008). Há aqui um hiato na relação sexual que não pode ser apreendido pelo conceito, que não pode ser expresso pela lógica; tal como ocorre na relação antagônica: “O mesmo acontece com o antagonismo: o momento estrito da brecha, o momento antagônico enquanto tal, escapa à apreensão intelectual” (LACLAU, 2000, p. 138).

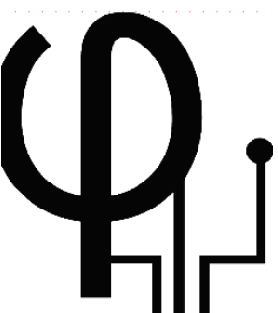
Este sentido de vazio e tendência ao preenchimento é o mesmo que se aplica à ideia de *sutura* hegemônica (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 107). A noção de *sutura*, utilizada por Laclau, assemelha-se à noção de *sutura* na psicanálise. Será o psicanalista Jacques-Alain Miller, a partir de uma leitura lacaniana, quem formulará este conceito:

A *sutura* nomeia a relação do sujeito com a sua cadeia discursiva; veremos que ela figura como o elemento que falta, sob a forma de um substituto. Pois, ainda que esteja faltando, ela não é pura e simplesmente ausência. *Sutura*, por extensão, é a relação em geral de falta na estrutura da qual é elemento, na medida em que implica a posição de um assumir-o-lugar-de. (MILLER, 1965, p. 39)⁹.

A *sutura* é aquilo que falta no encadeamento discursivo do sujeito, mas que, concomitantemente a esta falta, tende a ser ocupado, ainda que não plenamente. Assim, é no âmbito das demandas sociais não atendidas, que constituem o “espaço *fraturado*” (LACLAU, 2018, p. 139), que possibilitará a formação do antagonismo. Esse espaço fraturado tenderá a ser suturado em um contexto antagônico (em que haja, por exemplo, um Estado autoritário) por uma lógica da equivalência entre os atores sociais contra o inimigo em comum.

A *sutura* hegemônica, na perspectiva laclauiana, é a tentativa de consolidação de uma força antagônica, resultado daquilo que representa o excluído das identidades dos atores sociais. Em uma sociedade em que haja um Estado autoritário que se oponha aos interesses dos atores sociais, representará o próprio elemento excluído, ensejando uma relação de antagonismo com os diversos atores sociais. Assim, de um lado estão os atores sociais e, de outro, está o inimigo em comum (neste caso, o Estado autoritário), ambos configurando uma relação antagônica, que

⁹ “La suture nomme le rapport du sujet à la chaîne de son discours; on verra qu’il y figure comme l’élément qui manque, sous l’espèce d’un tenant-lieu. Car, y manquant, il n’en est pas purement et simplement absent. Suture par extension, le rapport en général du manque à la structure dont il est élément en tant qu’il implique position d’un tenant-lieu” (MILLER, 1965, p. 39).



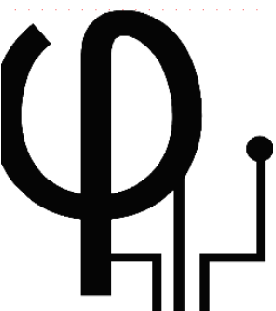
tem por finalidade eliminar o seu opositor e resguardar a sua própria existência; mas, paradoxalmente, eliminado o opositor, a sua existência deixará de ter sentido. A *sutura hegemônica* representa a tentativa de ocupar o vazio deixado pelo espaço fraturado, objetivando constituir uma força que se posicionará antagonicamente em relação ao inimigo comum daquelas identidades marginalizadas.

É por esta razão – como resultado da articulação entre a lógica da diferença e da equivalência que culmina, por sua vez, no enfrentamento do excluído – que Laclau enfatiza a noção de liberdade que uma democracia radical pode oferecer. Nesse sentido, ele critica a ideia de “emancipação”, que está atrelada a noções predeterminadas cujos atores sociais se autoproclamam como a universalidade necessária (tal como o marxismo atribui à classe trabalhadora) para enfrentar o inimigo em comum. Essa pretensa posição de universalidade corresponde à reivindicação do lugar de *significante vazio*, na tentativa de exercer o papel de plenitude da política. Ocorre que, para Laclau, além de não ser possível a plenitude da política, essa posição não pode ser reivindicada por um ator social que se autoproclame a expressão da universalidade, antes, ela precisaria ser o resultado das demandas sociais não contempladas, para assim, como particularidade, tornar-se universal. Neste movimento, está expressa a radicalidade da democracia na liberdade de deslocamento no interior das identidades que, ao atuarem de tal forma, constituem-se como sujeitos políticos, enfraquecendo suas diferenças e ampliando a equivalência – e assim a capacidade de interação – entre si contra uma força opressora.

Na medida em que agem como sujeitos da política inseridos em um projeto de democracia radical, os atores sociais geram um campo de possibilidades reais que amplia o modo de organização da sociedade. No entanto, quais seriam as características desses sujeitos políticos em um contexto de democracia radical? Ou, mais precisamente, como se constitui o sujeito para Laclau?

2 A DEMOCRACIA RADICAL E O SUJEITO DA POLÍTICA

Adentrar a noção de sujeito em Laclau significa refletir acerca da constituição e da interação das identidades geradas em contextos discursivos diferenciados. Para Laclau, o discurso engloba tanto o que é discursivo quanto o não discursivo (as práticas sociais), por isso, é importante para Laclau a análise do papel dos sujeitos e da posição política que eles assumem:



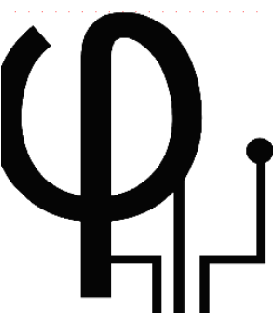
“[...] uma identidade puramente diferencial em relação a outros grupos tem de afirmar a identidade do outro simultaneamente à sua e, como resultado, não pode pretender interferir na identidade daqueles outros grupos” (LACLAU, 2011, p. 81).

A identidade de um grupo está profundamente vinculada às outras formas identitárias. Se, por um lado, um determinado grupo pretende afirmar a sua identidade tal como ela é naquele instante, visto que a sua localização no interior da comunidade geralmente é definida pelo sistema de exclusões regido pelos grupos dominantes, este grupo estará condenado a uma existência marginal, isolado a um gueto. Contudo, se este grupo lutar para alterar a sua localização dentro da comunidade, buscando uma saída da condição de existência marginalizada, deverá assumir compromissos de enfrentamento político que o conduzirão para além dos limites que determinam a sua identidade presente (LACLAU, 2011, p. 82). Este é um dilema pelo qual tem passado os grupos que buscam afirmar as suas identidades em meio a tantos conflitos que têm por objetivo solapar ou marginalizar sua existência. Devido a este aspecto, Laclau indaga como seria possível determinar os limites de um contexto em que se promovam as condições de existência para as mais diversas identidades.

Para ele, não há outra forma a não ser apontar para o que está além dos próprios limites, isto é, apontar para as outras identidades, para as outras diferenças. No entanto, “é impossível estabelecer se as novas diferenças são internas ou externas ao contexto” (LACLAU, 2011, p. 86). É nesse ínterim que Laclau sugere que aquilo que está “para além de” não seja mais uma diferença, mas algo que se apresente como uma ameaça a todas as diferenças e que esse momento se torne o contexto. Esta ameaça representa o que foi excluído por todas as identidades, aquilo que representa um perigo às suas existências. Observa-se então por outra perspectiva a constituição da relação antagônica.

As consequências, segundo Laclau, são três: a) o antagonismo e a exclusão são constitutivos de toda identidade; b) o sistema é imprescindível para que as identidades possam ser constituídas, mas a única coisa que permite a formação do sistema é aquilo que as subverte: a exclusão; e c) esse sistema, na condição de objeto impossível, é irrepresentável, mas precisa mostrar-se no campo da representação (LACLAU, 2011, p. 86).

A impossibilidade do sistema, a sua realização plena, é semelhante, segundo Laclau, ao conceito de “objeto a” (leia-se “objeto pequeno a”) elaborado por Lacan. O sistema está no horizonte da representação, mas não pode ser representado. Há, portanto, uma necessidade – expressa pela demanda dos atores sociais – pelo sistema, e só ele permite a constituição das identidades. Os atores sociais se movem em direção ao sistema, mas ele é inalcançável. Mas por que comparar essa relação com a noção lacaniana de “objeto a”?



O “objeto a” é o objeto causa de desejo, ele não é o desejo, mas é aquilo que mantém o desejo em movimento. Diferentemente do significante do desejo, o “objeto a” não pode ser nomeado, não pode ser representado, ele é o que evoca o desejo. Assim, o que Laclau está dizendo é que o sistema, tal como o “objeto a”, é a causa de desejo, é o próprio movimento do desejo. “Ele se faz presente, por assim dizer, pela sua ausência” (LACLAU, 2011, p. 87). A partir disso, Laclau conclui:

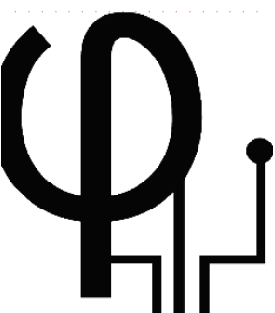
Primeiro: toda identidade diferencial será constitutivamente cindida; será o ponto em que se cruzam a lógica da diferença e a da equivalência. Segundo: embora a plenitude e a universalidade da sociedade sejam inatingíveis, sua necessidade não desaparece: sempre se mostrará pela presença de sua ausência. (LACLAU, 2011, p. 87).

Uma vez que o sistema representa aquilo que coloca o desejo em movimento, a cadeia de equivalências precisa se manter aberta, sob o risco de, ao fechar-se, “não nos defrontaríamos com a plenitude da comunidade como uma ausência” (LACLAU, 2011, p. 92). Em outras palavras, significaria que a cadeia de diferenças iria se consolidar cada vez mais e uma particularidade iria se sobressair perante as outras, por vezes de modo autoritário, imbuída com o discurso da verdade para assumir o lugar de *significante vazio*.

O processo se assemelha, em alguns aspectos, ao que ocorre em uma sociedade em que os laços equivalenciais são amplos e uma particularidade pode ser elevada à condição de universalidade e ocupar a posição de *significante vazio*. A diferença é que, em uma comunidade em que não haja a plenitude ausente da política, uma determinada identidade poderia assumir tal posição, mas sem contar com as demais identidades, já que a cadeia de equivalências estaria comprometida. Ademais, ofereceria uma resistência intransigente para não sair da posição hegemônica, por reconhecer a si mesma como a encarnação da plenitude política.

A despeito de todas as diferenças entre os atores sociais existentes na sociedade ou mesmo por causa delas, é necessário manter a ideia da plenitude ausente da política. Isso se torna viável, segundo as análises de Laclau, ao se articular um projeto de democracia radical, no qual o sujeito político possa exercer livremente a identidade que lhe constitui ou, mais precisamente, que está em processo permanente de formação, uma vez que no seu interior possa haver deslocamentos que reconfiguram a sua identidade. Segundo Laclau:

Esta relación entre bloqueo y afirmación simultánea de una identidad es lo que llamamos “contingencia” y ella introduce un elemento de radical indecibilidad en la estructura de toda objetividad. (LACLAU, 2000, p. 38).



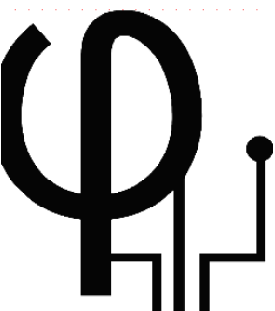
Para Laclau, o contingente (o não-determinado) permite o aparecimento de um momento entre o bloqueio e a afirmação, isto é, entre a indecidibilidade (que não significa impossibilidade de decisão, mas tão somente que não há nada que possa determinar *a priori* o sentido da ação) e a decisão. É neste exato instante que o sujeito aparece, momento em que a sua presença é requerida para, em última instância, tomar-se uma decisão. Por este motivo, Laclau afirma que “o sujeito é a distância entre a indecidibilidade da estrutura e a decisão” (LACLAU, 2016, p. 88). O sujeito se afirma em meio à contingência que está vinculada ao deslocamento que possa vir a ocorrer no interior das identidades: “o deslocamento é o traço da contingência na estrutura” (LACLAU, 2016, p. 88).

Além da noção de deslocamento, a decisão representa outro aspecto importante para a concepção laclauiana de sujeito. A decisão é o momento da loucura, afirma Laclau, é o instante em que: a) não há uma predeterminação na qual a decisão possa ter como referência; e b) requer que o seu trânsito seja realizado por meio da experiência da indecidibilidade. Por ser o momento da loucura, a decisão não segue parâmetros preestabelecidos, não há um ponto nodal.¹⁰ Isso não significa que toda decisão não tenha um referencial ao qual possa recorrer, o que Laclau está argumentando é que, para que o sujeito possa ser afirmado, é imprescindível que essas duas características (a ausência de determinismo estrutural e a experiência da indecidibilidade) estejam presentes. Nas suas palavras: “O que quis dizer foi que a indecidibilidade é uma indecidibilidade *estruturada*, e que isto com o que sempre nos confrontamos é uma desconstrução parcial que torna a decisão imperativa. (LACLAU, 2016, p. 92).

Mas, se não há predeterminação estrutural a que recorrer, de que forma o sujeito pode se afirmar enquanto tal? Uma vez que o momento de loucura é apenas “um momento” e não um estado, a posição de sujeito (neurótico) é o efeito de uma determinação estrutural, mas apenas na medida em que haja uma “simulação”:

Eu diria que temos aqui algo da natureza de uma *simulação*. Tomar uma decisão é como personificar Deus. É como afirmar que não se têm os meios de ser Deus e, no entanto, proceder como se fosse. A loucura da decisão é este ponto cego na estrutura, em que algo totalmente heterogêneo a ela – e, por consequência, totalmente inadequado – tem, não obstante, que suplementá-la. (LACLAU, 2016, p. 89)

¹⁰ “Qualquer discurso se constitui como tentativa de dominar o campo da discursividade, de deter o fluxo das diferenças, de construir um centro. Chamaremos os pontos discursivos privilegiados desta fixação parcial de *pontos nodais*. (Lacan insistiu nestas fixações parciais através do seu conceito de *point de capiton*, isto é, de significantes privilegiados que fixam o sentido de uma cadeia significante. Esta limitação da produtividade da cadeia significante estabelece as posições que tornam possível a predicação – um discurso incapaz de gerar qualquer fixação de sentidos é o discurso do psicótico)” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 187).



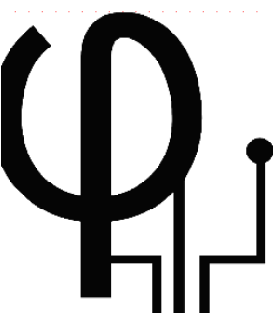
Assim, o sujeito emerge da contingência por um ato de simulação que implica “uma distância intransponível entre minha falta a ser (que é a fonte da decisão) e aquilo que fornece o ser que preciso, a fim de agir no mundo” (LACLAU, 2016, p. 89). Mas ainda há outra dimensão a ser considerada que determina o estatuto do sujeito e “que assombra a teoria contemporânea – a psicanalítica em primeiro lugar – este nome é a *identificação*” (LACLAU, 2016, p. 89). De fato, tal como sugeriu Laclau, a noção de identificação passou por várias discussões ao longo da história da psicanálise, mas, grosso modo, ela designa o processo central através do qual o sujeito se constitui e se transforma, por assimilação ou apropriação em momentos marcantes da sua vida, dos aspectos, atributos ou características das pessoas que estão no seu entorno.

Para Laclau, a identificação está atrelada à simulação, não apenas porque simular requeira se identificar com alguém que esteja no entorno (na vida) do sujeito, mas também porque é no processo de identificação que o sujeito se depara com a sua completude ausente, com aquilo que lhe falta e que nunca será obtido em sua plenitude. Mas então por que chamá-lo de sujeito, dado que este possui uma identidade estrutural incompleta? Segundo Laclau: “porque a impossibilidade de um sujeito livre e substancial, de uma consciência idêntica a si mesma que seja *causa sui*, não elimina sua necessidade” (LACLAU, 2016, p. 91). O sujeito faltante é um sujeito desejante, aquilo que lhe falta é o que o movimenta em busca do desejo que, não obstante, é um desejo inconsciente e inalcançável.¹¹ Por estas condições se apresentarem desta forma, aquele que se afirma entre a indecidibilidade e a decisão é instituído como sujeito.

A decisão assume então um caráter ontológico, primordial para o advento do sujeito que, ao realizá-la, o faz pela repressão de outras possíveis decisões. Ou seja, “la ‘objetividad’ resultante de una decisión se constituye, en su sentido más fundamental, como relación de poder” (LACLAU, 2000, p. 47). Duas questões precisam ser esclarecidas aqui: o sentido de repressão e a relação de poder. O entendimento de Laclau por repressão se aproxima da noção psicanalítica, em que a mesma consiste em um processo psíquico de afastamento ou supressão consciente de uma ideia ou afeto cujo conteúdo causa desprazer. Diz Laclau:

Por ‘represión’ entendemos simplemente la supresión externa de una decisión, una conducta, una creencia, y la imposición de otras que no tienen medida

¹¹ A noção de sujeito faltante pode ser percebida na psicanálise lacaniana. Segundo Stavrakakis: “The object of Lacanian psychoanalysis is not the individual, it is not man. It is what he is lacking. It is *lack* then which is revealed as the defining mark of subjectivity” (STAVRAKAKIS, 2000, p. 317). “O objeto da psicanálise lacaniana não é o indivíduo, não é o homem. Ele é o que está faltando. Ele é, então, a falta que se revela como a marca definidora da subjetividade” (STAVRAKAKIS, 2000, p. 317).



común con las primeras. Un acto de conversión, en tal sentido, implica represión respecto de las creencias anteriores. (LACLAU, 2000, p. 48).

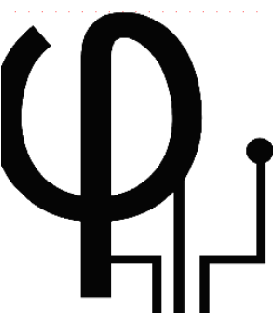
Nota-se que a própria definição de repressão implica uma relação de poder, visto que a supressão de decisões alternativas, em prol de apenas uma, é um exercício de poder. Neste sentido, a constituição de uma identidade requer uma decisão e, portanto, a ação de afastar certos traços que não comportam aquela identidade.

A nova configuração identitária, oriunda da decisão, desloca o sujeito no interior da estrutura, de uma posição para outra. Segundo Laclau, esse deslocamento gera um efeito triplo: 1) a consciência da historicidade se amplia por conta da aceleração das transformações sociais e das contínuas intervenções rearticulatórias exigidas por ela. O rápido trânsito entre as formações discursivas que constituem os objetos possibilita uma maior clareza sobre a contingência inerente aos discursos; 2) uma vez que o sujeito aparece entre a indecidibilidade e a decisão, quanto mais se deslocar no interior da estrutura, maior será o campo de decisões que irá confrontar. Isto é, quanto mais deslocamento houver, maior será o leque de possibilidades para que o sujeito possa decidir sem estar submetido ao conjunto de particularidades predeterminadas que compõem a estrutura; 3) ao se deslocar uma estrutura, ela se torna descentrada, não havendo mais um centro de poder, mas diversos, ampliando os laços equivalenciais entre as identidades (LACLAU, 2000, p. 56).

O deslocamento no interior de uma identidade reverbera no seu exterior, na sua relação com outras identidades. Um determinado sujeito (ou ator social) que, mediante uma decisão, adira a uma nova perspectiva sobre algo, realizou um deslocamento no interior da sua identidade e a reconfigurou. Este recente deslocamento descentra a estrutura na qual o sujeito estava apoiado, gerando novos centros de poder e ampliando as possibilidades de interação com as outras identidades.

Agregado a estes efeitos, Laclau compreende a noção de deslocamento em três dimensões: 1) o deslocamento é a forma mesma da temporalidade; 2) o deslocamento é a forma mesma da possibilidade; 3) o deslocamento é a forma mesma da liberdade. Dessa forma, o deslocamento é temporalidade, possibilidade e liberdade. A dimensão da temporalidade é oposta à noção de espaço, pois a “espacialização”, atesta Laclau, consiste na eliminação da temporalidade. Laclau recorre a Freud para analisar o deslocamento enquanto temporalidade:

Consideremos el caso del juego *Fort/Da* en Freud. A través de él el niño simboliza la ausencia de la madre, que es un hecho traumático. Si a través del juego le resulta al niño posible aceptar esa ausencia, esto es debido a que la ausencia deja de ser ausencia y pasa a ser un momento de la sucesión presencia/ausencia. (LACLAU, 2000, p. 58).



O deslocamento como temporalidade expressa o instante da indecidibilidade e da decisão não como momentos distintos, marcados por uma espacialização, mas como indecidibilidade/decisão. O advento do sujeito ocorre apenas neste tempo que é o próprio deslocamento na contingência. Do mesmo modo que no exemplo de Freud, a criança captura a presença/ausência da mãe como forma de lidar com o trauma da ausência, o deslocamento evidencia não apenas a indecidibilidade, mas a indecidibilidade/decisão (FREUD, 2010). O deslocamento como temporalidade não expressa apenas a ausência (inclusive da plenitude política), mas também a incessante busca pela presença.

O deslocamento é também a própria forma da possibilidade, como tal ele não abre novas possibilidades, mas evidencia as outras possibilidades existentes. Contudo, isso não quer dizer que tudo é possível, mas que há uma ampliação do campo do possível em um contexto de estruturação relativa.

Por fim, o deslocamento é a forma mesma da liberdade, na medida em que ser livre representa a busca inalcançável de ser causa de si mesmo. A liberdade, para Laclau, implica na ausência de determinação, de limites que impeçam o aparecimento do sujeito. Segundo ele:

A liberdade assim ganhada em relação à estrutura é, portanto, um fato inicialmente traumático: estou *condenado* a ser livre, não porque não tenha uma identidade estrutural, como afirmam os existencialistas, mas porque tenho uma identidade estrutural *falida*. Isto significa que o sujeito é parcialmente autodeterminado. No entanto, como essa autodeterminação não é a expressão do que o sujeito *já* é, mas, ao contrário, o resultado de sua falta de ser, a autodeterminação só pode proceder através de processos de *identificação*. (LACLAU, 2016, p. 90)¹².

Nesta passagem, em que Laclau evidencia o deslocamento como liberdade, é possível observar o deslocamento nas suas outras dimensões, como temporalidade e possibilidade. Não sem razão ele diz: “Estas tres dimensiones de la relación de dislocación – temporalidad, posibilidad y libertad – se implican mutuamente” (LACLAU, 2000, p. 60). Se a constatação por parte do sujeito acerca da sua própria liberdade é um evento traumático, ele só ocorre no deslocamento da estrutura, na relação temporal indecidibilidade/decisão. Ao ver-se nesta situação angustiante que a liberdade proporciona, percebe-se como sujeito (e, portanto, livre) em um contexto discursivo de possibilidades.

Apesar de Laclau não explicitar, é possível pensar que haja nesta análise não apenas a presença do pensamento sartreano (ainda que parcialmente concordante), mas o da lógica

¹² Esta passagem consta no texto “Nuevas Reflexiones sobre la Revolución de Nuestro Tiempo”, de Laclau (p. 60).

do desejo para a psicanálise. Segundo a psicanálise lacaniana, o desejo do sujeito é o desejo do Outro (leia-se “grande outro”). Esta é uma condição que faz parte da existência humana, isto é, desde o nascimento, mas que, em algum momento da vida, pode ser resignificada na terapia psicanalítica, para que o analisante tenha a possibilidade de se afirmar como “sujeito de si mesmo”, ao reconhecer o seu desejo como sendo seu e não do Outro.¹³

O que Laclau denomina de “identidade estrutural falida” alude à condição em que o sujeito se encontra ao estar desprovido do seu próprio desejo. Em termos psicanalíticos, este sujeito ainda não está na condição efetivamente de sujeito, antes, precisaria sustentar o seu próprio desejo ou partir em busca deste. A expressão laclauiana “falta de ser” pode ser vista analogamente na perspectiva psicanalítica com a posição subjetiva do neurótico que deseja o desejo do Outro. Por sua vez, este aspecto se assemelha também ao que Laclau considera como “sujeito parcialmente autodeterminado”, em outras palavras, o sujeito que ainda não sustenta o seu próprio desejo.

Assim, o sujeito, para Laclau, é um sujeito político, um sujeito da falta que, por meio da simulação e da identificação, figura como sujeito para poder agir na política. Ao atuar de tal de forma, desloca-se no interior da estrutura e altera a sua identidade dentro de um contexto discursivo que não está predeterminado. “Nuestra tesis básica es que la *posibilidad* de una democracia radicalizada está directamente ligada al nivel y extensión de las dislocaciones estructurales operantes en el capitalismo contemporáneo. (LACLAU, 2000, p. 61).

A radicalidade da democracia consiste neste deslocar-se, que redimensiona a estrutura das identidades, afetando a relação entre essas mesmas identidades e trazendo à tona possibilidades, inclusive de interação, gerando novos centros de poder.

Defendemos que as lutas contra o sexismo, o racismo, a discriminação sexual e em defesa do meio ambiente, precisam ser articuladas às dos trabalhadores num novo projeto hegemônico de esquerda. Numa terminologia recentemente em voga, insistimos que a esquerda precisava enfrentar questões tanto de “redistribuição”, como de “reconhecimento”. É isto que queremos dizer por “democracia radical e plural”. (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 47).

A dinâmica do deslocamento oferece a possibilidade de uma democracia radical, que emerge no cerne do capitalismo contemporâneo, sobretudo por haver na sociedade atual inúmeros atores sociais que transformam suas demandas em reivindicações, criam relações de poder que questionam o *status quo* e estabelecem novas configurações discursivas.

¹³ Para a psicanálise, essa condição subjetiva de desejar o desejo do Outro é fonte, por vezes, de sofrimentos psíquicos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação da psicanálise, especialmente a lacaniana, na teoria do discurso de Laclau, capturou um dos sentidos da atuação da psicanálise na política, inscrito na assunção de possibilidades discursivas constituidoras de sujeitos políticos que, além de não estarem restritos a uma lógica predeterminada, são ontologicamente seres faltantes, portanto, seres desejan-tes. Nisso consiste a radicalidade da democracia, na abertura (no sentido de evidenciação) da possibilidade, através do deslocamento do sujeito na cadeia significante.

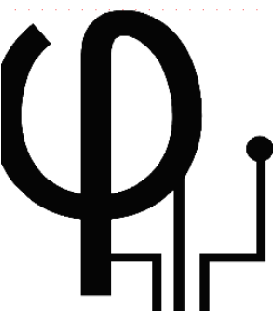
A própria ideia de sujeito como essência unificada e unificadora é rechaçada por Laclau. Não há mais o sujeito, mas uma pluralidade de sujeitos que se deslocam na estrutura e alteram constantemente a relação equivalencial entre os atores sociais.¹⁴ Isso ficou exposto ao se analisar a relação entre o *significante vazio* e a plenitude ausente da política, na qual, a partir da interação entre a lógica da diferença e a lógica equivalencial, pode se compreender como Laclau relaciona o particular e o universal em prol de um significante que pretende ocupar o lugar do *significante vazio* e ser a força hegemônica naquele contexto discursivo.

A psicanálise se articula, no pensamento de Laclau, revigorando a análise do discurso através da perspectiva de uma presença da falta, da afirmação e perseguição inconsciente do desejo na esfera social e política como *significante vazio*. Essa noção evidencia a constante busca por um poder político representativo dos interesses sociais, ainda que, para Laclau, a ideia de sociedade seja impossível, porque tudo o que há nela é atravessado por limites, que a impedem de constituir-se como uma realidade objetiva (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 204). No entanto, este é o aspecto que torna uma democracia radical, a impossibilidade de um espaço único de constituição do político.

A democracia radical e o sujeito político estão integrados e apontam para um constante deslocamento que redefine a cada vez a configuração do político. Não há permanência ou um significante único quando os laços equivalenciais entre as identidades são alterados, ainda que haja uma tendência a se buscar esse significante para colocá-lo no lugar de *significante vazio*.

¹⁴ Não é possível deixar de notar a semelhança com a maneira como Lacan tratou a noção de reconhecimento. Segundo Safatle: “A temática do reconhecimento será fundamental para o desenvolvimento de múltiplas práticas de autodeterminação de grupos, identidades e nacionalidades. No entanto, Lacan desenvolveu um conceito de reconhecimento absolutamente singular em relação aos usos hegemônicos que conhecemos atualmente. Trata-se de um *reconhecimento sem produção de identidade*, fundamentado em uma teoria do desejo cuja matriz nasce de uma alta-costura entre Hegel e Freud. Tal concepção tem forte capacidade de desestabilizar modos de compreensão das potencialidades imanentes a lutas políticas atuais, por abrir espaço a uma política radicalmente pós-identitária e não fundada em demandas de reconhecimento de predicados da pessoa individualizada” (SAFATLE, 2020, p. 14).

Mas, em última instância, como afirma Laclau, esse significante não é de fato vazio, mas tendencialmente vazio. Por isso, será sempre um não-lugar, uma falta constantemente perseguida, mas nunca alcançada e, ainda assim, imprescindível para a existência dos sujeitos e da estrutura social.



REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *História de uma Neurose Infantil*: (“o homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). (Tradução: Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas volume 14).
- JUNIOR, Nadir Nara; FÜHR, Jean Jeison; KIST, André Urban. Diálogos possíveis entre a psicanálise lacaniana e a teoria do discurso. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto; LINHARES, Bianca (orgs.). *Ernesto Laclau e seu Legado Transdisciplinar*. São Paulo: Intermeios, 2017.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). (Tradução: M. D. Magno). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACLAU, Ernesto. *A Razão Populista*. (Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura). São Paulo: Três Estrelas, 2018.
- LACLAU, Ernesto. Desconstrução, pragmatismo, hegemonia. In: MOUFFE, Chantal (org.). *Desconstrução e Pragmatismo*. (Tradução: Victor Dias Maia Soares). Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. (Sapere aude; 16).
- LACLAU, Ernesto. *Emancipação e Diferença*. (Tradução: Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- LACLAU, Ernesto. *Nuevas Reflexiones sobre la Revolucion de Nuestro Tiempo*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2000.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical*. (Tradução: Joanildo A. Burity, Josias de Paula Jr. e Aécio Amaral). São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015. (Coleção Contrassensos).
- LOPES, Alice Casimiro; MENDONÇA, Daniel de (orgs.). *A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: ensaios críticos e entrevistas*. São Paulo: Annablume, 2015.
- MENDONÇA, Daniel de. A impossibilidade da emancipação: notas a partir da teoria do discurso. In: MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (orgs.). *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. 2.ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- MENDONÇA, Daniel de. Pensando (com Laclau) os limites da democracia. In: CASIMIRO, Alice Casimiro; MENDONÇA, Daniel (orgs.). *A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: ensaios críticos e entrevistas*. São Paulo: Annablume, 2015.
- MILLER, Jacques-Alain. *La Suture: elements de la logique du signifiant*. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/155780132/Cpa1-3-Miller-LA-SUTURE-ELEMENTS-DE-LA-LOGIQUE-DU-SIGNIFIANT-II>> Acesso em: 23 abr. 2021.
- SAFATLE, Vladimir. *Maneiras de Transformar Mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. (Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 2012.
- STAVRAKAKIS, Yannis. Laclau with Lacan: comments on the relation between discourse theory and Lacanian psychoanalysis. In: ZIZEK, Slavoj (edited). *Jacques Lacan: critical evaluations in cultural theory* (vol. III: Society, Politics, Ideology). London: Routledge, 2003.

